

Estudos de Validação sobre a Escala Portuguesa de *Empowerment* E.P.E.

Odete Nunes¹, Rute Brites¹ & Mónica Pires¹

¹Centro de Investigação em Psicologia - Universidade Autónoma de Lisboa

Resumo: Enquanto conceito de elevada actualidade e pertinência, o *Empowerment* carecia de um instrumento psicométrico adequado e validado para a população portuguesa. Nesse sentido, e no âmbito de uma investigação sobre o regresso à vida académica de adultos com mais de 23 anos, procedemos à adaptação da “*Echelle Toulousaine de Hardiesse, Endurance et Robustesse*” para a população portuguesa. Após o processo de tradução – retradução da versão francesa, a escala foi aplicada a uma amostra preliminar de 242 sujeitos, de ambos os sexos, estudantes do Ensino Superior (público e privado), procurando a obtenção de valores satisfatórios de validade que comprovem as suas qualidades psicométricas.

Palavras-Chave: *Empowerment* – Escala – Estudantes - Validação

1. INTRODUÇÃO

De um ponto de vista histórico, na perspectiva de Carvalho (2004) o conceito de *empowerment* teve as suas origens na segunda metade do século XX. A sua consistência é referenciada pela conjugação de três factores, nomeadamente a necessidade de conquistar e implementar direitos cívicos, a defesa dos princípios exaltados por quem propunha a intervenção social nos designados países desenvolvidos e, o desenvolvimento de ideias preconizadas pela corrente feminista.

Em diversas áreas da ciência este conceito tem sido objecto de reflexão teórica e ponto de partida para numerosas investigações, apesar de não existir um sentido consensual relativamente à sua definição. Também em língua portuguesa se tem constatado a dificuldade em encontrar uma palavra que traduza com fidedignidade o significado do termo em inglês, facto que levou alguns investigadores brasileiros a utilizarem a palavra “empoderamento”, descodificando-a como “dar posse”, “conquistar”, “assenhorear-se”. Presentemente, no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001) aparece já o termo “empoderamento” com a definição de “obtenção, alargamento ou reforço de poder”.

O conceito de *empowerment* tem servido de base de trabalho quando o estudo em questão é relativo a contextos institucionais ou quando surge a pertinência de aprofundar mecanismos subjacentes ao processo de desenvolvimento da pessoa. Pereira (2006) refere que o *empowerment* “significa em geral a acção colectiva desenvolvida

pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais (...). Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma situação particular (realidade) em que se encontra, até atingir a compreensão de teias complexas de relações sociais que informam contextos económicos e políticos mais abrangentes”.

Referindo-se mais especificamente à dimensão individual, alguns autores (Tap & Vasconcelos 2004; Tap & Oubrayrie-Roussel, 2004), definem o *empowerment* como o movimento que a pessoa experiencia de auto-controle, assim como, a vivência/consciência do seu valor pessoal, o que lhe possibilita ter um maior conhecimento e avaliação de si.

No âmbito das ciências psicológicas, mais especificamente no quadro da psicoterapia, Rogers (1986) foi um dos primeiros, senão mesmo o primeiro, a considerar que um dos objectivos do processo terapêutico era o de ajudar a pessoa/cliente a desenvolver o seu *empowerment*. Dizia, então, que o papel do terapeuta “não é o de exercer qualquer efeito sobre o indivíduo ou sequer induzi-lo a fazer qualquer coisa em relação a si próprio. Trata-se, em vez disso, de libertá-lo e predispor-lo a um desenvolvimento e crescimento normal” (p.16). Não utilizando o termo *empowerment*, mas sim, *a emergência do poder pessoal*, o autor enfatizava a aquisição de autonomia como sendo um dos meios que permite à pessoa desenvolver a capacidade de se responsabilizar pelas suas decisões, de adquirir segurança na realização de tarefas e, consequentemente, sentir-se ser a autora do seu projecto existencial.

Ainda na obra intitulada “Sobre o Poder Pessoal”, Rogers (idem) referindo-se ao sentido psicológico e social de política, atribui ao poder e controle o seguinte significado: “o grau em que a pessoa deseja, tenta obter, possuir compartilhar ou delegar poder e controle sobre outros e/ou em si mesma” (p. 14).

No consenso geral, a noção de *empowerment* pode ser entendida com um duplo sentido, isto é, como o meio de capacitar a pessoa a desempenhar determinada tarefa (uma postura mais externa que atribui poder) ou como a faculdade que a pessoa tem ao seu dispor para potencializar os seus recursos internos no caminho da auto-realização (uma postura mais interna que conquista o poder). Neste último caso, pressupõe-se a existência, na pessoa, de uma atitude de apropriação dos seus recursos, competências ou habilidades que lhe permitam assumir o seu poder pessoal, proporcionando-lhe sentir-se mais segura e confiante no desenvolvimento e/ou reorganização do seu projecto de vida.

Riger (1993) define o indivíduo com *empowerment* “como sendo aquele que é comedido, independente e autoconfiante, capaz de comportar-se de uma determinada maneira e de influenciar o seu meio e actuar de acordo com abstractos princípios de justiça e de equilíbrio” (p. 280).

2. OBJECTIVOS

Não desvalorizando o impacto que o estudo do *empowerment* tem assumido em diversas áreas do conhecimento, sublinhamos, no entanto, a pertinência e consistência teórica que este conceito tem introduzido nos vários domínios da Psicologia, nomeadamente no âmbito da intervenção e promoção da Saúde. Considerámos, pois, a necessidade de desenvolver e adaptar um instrumento de *empowerment* para a população portuguesa e que permita aprofundar o estudo e a aplicação deste conceito em diferentes contextos. Este estudo pretende determinar as dimensões da escala numa amostra portuguesa, aferir a sua robustez no que concerne às características psicométricas.

3. METODOLOGIA

3.1. Tradução e adaptação

A tradução da *Echelle Toulousaine de Hardiesse Endurance et Robustesse* da língua francesa para a língua portuguesa seguiu o método de tradução-retradução, método considerado mais adequado e menos susceptível a enviezamentos, garantindo a equivalência das diferentes versões (Brislin, 1980, Bonomi et al., 1996, citados por Eremenco, Cella & Arnold, 2005; Hill & Hill, 2002; Weeks, Swerissen & Belfrage, 2007). Neste processo, foram respeitadas as características linguísticas e culturais (Nastasi et al., 2007; Weeks, Swerissen & Belfrage, 2007). O questionário foi traduzido independentemente por dois juizes (um com dupla nacionalidade e o segundo bilingue), depois de encontrada uma versão consensual, um terceiro juiz (com dupla nacionalidade) procedeu à retradução, realizando um quarto juiz a comparação entre as duas versões finais.

A escala original, denominada *Echelle Toulousaine de Hardiesse d’Endurance et de Robustesse – E.T.H.E.R.* (Tap, 2008) é composta por 52 itens distribuídos por três dimensões (*engagement*, *défi* e *contrôle*), cada uma dividida numa sub-escala positiva e negativa. A versão portuguesa é constituída pelos mesmos 52 itens, procurando-se neste estudo verificar a similitude com as dimensões do instrumento francês.

3. 2. Procedimento

Após a construção dos protocolos de aplicação (compostos pelos Questionário sócio-demográfico, Questionário de Ingresso no Ensino Superior e Escala Portuguesa de *Empowerment*), um total de 400 foi distribuído a docentes e assistentes de investigação de diferentes universidades, de carácter público e privado, para serem administrados a alunos de diversos cursos do regime de acesso normal e de regime de maiores de 23 anos. Os mesmos foram devolvidos num prazo de seis meses.

3.3. Participantes

Dos 400 protocolos entregues, foram recebidos 242 correctamente preenchidos, os quais compõem a amostra do presente estudo. Os participantes são oriundos de uma universidade pública (Évora) e três universidades privadas (uma de Lisboa e duas do Porto). A maioria dos alunos provêm das licenciaturas de psicologia/pedagogia, sendo os restantes alunos de outros cursos, nomeadamente gestão e direito, com idades compreendidas entre os 18 e os 69 anos ($M=29,02$, $DP=10,27$), que ficaram em média 7,11 anos sem estudar ($DP=9,22$). Seguidamente apresentamos a caracterização da amostra (tabela 1).

Tabela 1: Características socio-demográficas dos participantes

		Freq.	%
Género N=224	Masculino	71	31,7
	Feminino	153	68,3
Regime de Ingresso N=238	RRA	135	56,5
	RIM23	85	35,6
	REI	18	7,5
Universidade Frequentada n=241	Universidade Autónoma de Lisboa	82	34
	Lusófona Porto	81	33,6
	ISLA Gaia	29	12
	Universidade de Évora	49	20,3
Licenciatura Frequentada n=242	Psicologia	98	40,5
	Psicopedagogia	75	31
	Gestão	17	7
	Direito	22	9,1
	Outros	30	12,4
Nacionalidade n=242	Portuguesa	222	91,7
	Outros	20	8,3

Legenda: Frequências e Percentagens dos dados socio-demográficos. RRA – Regime Regular de Acesso; RIM23 – Regime de Ingresso para maiores de 23 anos; REI – Regime Especial de Ingresso

4. RESULTADOS

Tratando-se de um estudo que visa determinar valores de garantia psicométrica, recorreu-se apenas a processos estatísticos, nomeadamente à análise factorial como forma de validade de constructo e de conteúdo e ao Coeficiente de *Alpha* de *Cronbach* como medida de consistência interna (fidelidade).

4.1 Estudo da validade e fidelidade

A validade foi determinada pelo processo estatístico da análise factorial permitindo obter simultaneamente dados relativo à validade de constructo e de conteúdo. Dellinger e Leech (2007) numa meta-análise sobre a validade apontam para a

existência de uma única validade a de constructo integrando a de conteúdo e a de critério, numa perspectiva integracionista das ideias até então opostas de Cronbach e Meehl (1955) e de Messick (1981, 1995), que defendiam ou a existência de três tipos de validade segmentados, ou uma validade associada ao significado dos *scores* obtidos e não do instrumento em si. Assim, a definição actual implica a demonstração de que o instrumento mede os conceitos a que se propõe através de uma análise da estrutura interna do instrumento e da sua consistência e adequabilidade teórica (Dellinger & Leech, 2007).

A análise factorial exploratória dos componentes principais (ACP) permitiu a extracção de três factores explicando 32,95% da variância total. Através do processo de rotação *varimax* evidenciou-se o peso estatístico de cada item, em cada um dos factores, assim como a necessidade de excluir quatro itens pela sua fraca correlação com os restantes. Devido à heterogeneidade do número de itens que integram cada factor, procedemos a uma segunda análise factorial em cada um dos factores, ficando a escala com um total de seis factores (quatro positivos e dois negativos) cujos valores estatísticos estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2: Resultados da EPE quanto a Validade Factorial e Consistência Interna

Factor	% Variância	Média	DP	Variância	α
Factor 1 (19 itens) N=105 Risco, Adaptação e Flexibilidade	12,88	57,51	10,49	109,96	0,87
Factor 1.1 (10 itens) n=231 Adaptação e Sociabilidade	20,36	34,63	6,15	37,86	0,81
Factor 1.2 (9 itens) n=229 Proactividade e Compromisso Social	19,98	35,70	5,11	26,12	0,81
Factor 2 (15 itens) n=224 Limitações Situacionais e Processos de Resolução	11,64	41,94	4,57	20,92	0,38
Factor 2.1 (6 itens +) n=238 Segurança e Persistência	23,1	24,63	3,52	12,36	0,79
Factor 2.2 (9 itens -) n=226 Evitamento e Desencorajamento	19,92	17,34	5,28	27,87	0,75
Factor 3 (14 itens) n=223 Previsibilidade e Controle	8,43	42,52	7,95	63,27	0,77
Factor 3.1 (6 itens -) n=232 Frustração e controle -	21,33	19,34	3,83	14,64	0,58
Factor 3.2 (8 itens +) n=229 Previsibilidade controle +	14,12	23,05	5,54	30,73	0,74

Legenda: Resultados da EPE por dimensões extraídas pela ACP exploratória, com rotação *varimax* e *Alpha de Cronbach*

Apesar da constituição dos factores não corresponder à composição da escala francesa, o que resultou num conjunto distinto de dimensões (embora em igual número) que se mantêm consonantes com os conceitos teóricos de *hardiesse*, *endurance* e *robustesse* (Kobasa, 1979).

A carga factorial de cada item presente na Tabela 3, possibilitou o agrupamento dos itens nas dimensões encontradas. A nomenclatura das diferentes dimensões foi atribuída por um conjunto de juizes.

Tabela 3: Valores e distribuição dos itens pelos factores

Itens		CF	Média	DP	r
F1.1: Adaptação e Resiliência					
13	Vivo bem as mudanças que me acontecem na minha vida quotidiana	0,56	3,5	0,91	0,55
17	EPE	0,52	3,9	0,89	0,57
19	EPE	0,48	3,53	1,07	0,48
20	Tolero as emoções fortes	0,65	3,53	1,02	0,56
21	Assumo riscos por desafio	0,59	3,41	1,06	0,50
25	EPE	0,60	3,33	1,13	0,47
27	EPE	0,52	3,43	0,98	0,43
29	EPE	0,61	3,61	0,89	0,59
37	EPE	0,39	3,15	1,08	0,35
45	EPE	0,62	3,25	1,11	0,41
F1.2: Proactividade e Compromisso Social					
1	Entusiasmo-me facilmente com actividades	0,48	3,64	0,91	0,47
5	EPE	0,58	3,99	0,86	0,54
7	EPE	0,44	3,66	1,07	0,37
31	EPE	0,70	3,95	0,91	0,64
33	Os outros podem contar comigo quando me comprometo a ajudá-los	0,75	4,5	0,77	0,51
35	EPE	0,60	4	0,86	0,60
36	EPE	0,56	4,11	0,84	0,58
41	EPE	0,47	3,91	0,93	0,31
50	Penso ter uma influência positiva num grupo	0,59	3,95	0,97	0,56
Factor 2.1: Segurança e Persistência					
9	EPE	0,57	4,36	0,83	0,53
10	EPE	0,68	3,58	0,95	0,49
42	Organizar a minha vida é uma maneira de me sentir seguro	0,69	4,1	0,83	0,50
43	EPE	0,78	3,86	0,93	0,40
44	EPE	0,69	4,37	0,76	0,61
49	Estou preparado para defender aquilo em que acredito	0,59	4,37	0,75	0,49
Factor 2.2: Evitamento e Desencorajamento					
6	EPE	0,40	2,48	1,17	0,42
8	Fujo das responsabilidades	0,54	1,65	0,96	0,57

14	EPE	0,44	2,21	1,01	0,26
24	EPE	0,47	1,98	1,01	0,35
38	Não vale a pena esforçar-me porque isso não vai mudar nada	0,55	1,5	0,77	0,49
46	EPE	0,6	2,02	1,04	0,55
48	Uma das melhores maneiras de resolver os problemas é não pensar neles	0,69	2,04	1,29	0,37
51	EPE	0,65	1,89	0,97	0,45
52	EPE	0,5	1,57	0,91	0,44
F3.1: Previsibilidade e controle +					
2	EPE	0,37	3,23	1,08	0,29
3	Prever com antecedência permite-me evitar a maioria dos problemas futuros	0,81	3,57	1,06	0,4
11	O que faço hoje permite controlar o que pode acontecer amanhã	0,64	3,47	0,99	0,36
15	EPE	0,61	3,10	1,18	0,38
16	EPE	0,37	2,97	1,29	0,26
18	EPE	0,35	2,99	1,11	0,27
F3.2: Frustração e controle -					
4	EPE	0,41	3,36	1,13	0,33
12	EPE	0,71	2,97	1,21	0,54
23	Tenho dificuldade em suportar os reveses da vida	0,72	2,63	1,09	0,56
26	EPE	0,58	3,08	1,17	0,46
28	EPE	0,51	3,19	1,24	0,35
30	EPE.	0,44	2,41	1,14	0,29
32	Habitualmente sinto dificuldade em controlar as minhas emoções	0,58	2,86	1,26	0,45
40	EPE	0,65	2,47	1,11	0,46

Legenda: Carga factorial (CF) por item, média, desvio padrão e valor da correlação item-factor

A correlação indicadora da consistência interna das dimensões revelou valores entre 0,37 e 0,87. O Factor dois apresentou valores menos satisfatórios em termos de fidelidade, porém, na análise das dimensões englobadas no factor, os valores do alpha apresentaram-se mais satisfatórios ($F2.1\alpha = 0,79$, $F2.2\alpha = 0,75$) (cf. Tabela 2).

4.2. Resultados da Amostra

Apesar dos resultados apresentados serem preliminares, apresentamos da Tabela 4 os valores centrais e de dispersão dos participantes segundo género e idade.

Tabela 4: Resultados da EPE por grupos

Factor	Dimensões	Género				Grupos de Idade							
		Homens n=71		Mulheres n=153		18-21 n=74		22-24 n=52		25-36, n=57		37-69 n=58	
		Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Risco, Adaptação e Flexibilidade	Adaptação e Resiliência	3,53	0,66	3,4	0,57	3,21	0,61	3,52	0,56	3,59	0,56	3,61	0,6
	Proactividade e Compromisso Social	3,95	0,60	3,99	0,54	3,82	0,53	4,04	0,47	4,04	0,6	4,06	0,6
Processos de Resolução	Segurança e Persistência	3,98	0,64	4,15	0,54	4,05	0,53	4,09	0,57	4,12	0,66	4,14	0,62
	Evitamento e Desencorajamento	2,06	0,68	1,86	0,55	1,90	0,58	1,96	0,59	1,99	0,68	1,97	0,63
Previsibilidade e Controle	Previsibilidade controle +	2,78	0,72	2,89	0,66	2,91	0,58	2,97	0,71	2,75	0,72	2,82	0,74
	Frustração e controle -	3,29	0,56	3,18	0,66	3,13	0,57	3,19	0,67	3,27	0,66	3,31	0,64

Legenda: Resultados das dimensões da versão portuguesa da EPE segundo género e grupos etários

5. CONCLUSÃO

A pré-validação da EPE para a população portuguesa permitiu encontrar seis sub-factores correspondentes a seis dimensões relativas a capacidades e potencialidades na resolução de situações tidas como difíceis. A escala geral, e as seis dimensões apresentaram valores de validade e de fidelidade satisfatórios (*Alpha de Cronbach* entre 0,58 e 0,87), em que apenas a dimensão previsibilidade e controle positivo obteve valores limite ($\alpha=0,58$).

Os resultados encontrados permitirão promover e desenvolver os constructos de resiliência e *empowerment*, e retirar ilações iniciais relativamente à adequação da escala traduzida e sua sensibilidade estatística relativamente ao constructo teórico que se propõe avaliar. Os resultados iniciais promissores irão ser confirmados numa validação futura recorrendo a uma amostra mais representativa da população portuguesa.

NOTAS

¹ O *Compact Oxford English Dictionary* apresenta *empowerment* como um nome derivado de *empower* que define como: 1 give authority or power to; authorize. 2 give strength and confidence to. O Merriam-Webster OnLine Dictionary atribui também a *empower* o sentido de: *to promote the self-actualization or influence* (...)

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Odete Nunes, o.nunes@ual.pt

Departamento de Psicologia - Universidade Autónoma de Lisboa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carvalho, S. (2004). Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projecto de Promoção à saúde. [Electronic version]. *Cadernos de Psicologia*, 20 (4), 1085-1095
- Cronbach, L. J. & Meehl, P. E. (1955). Construct validity in psychological tests. [Electronic version]. *Psychological Bulletin*, 52, 281-302.
- Dellinger, A. & Leech, N. (2007). Toward a unified validation framework in mixed methods research. [Electronic version]. *Journal of Mixed Methods Research*, 1 (4), 309-332.
- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, (1 Vol.). Lisboa: Verbo Editora

- Eremenco, S., Cella, D. & Arnold, B. (2005). A comprehensive method for the translation and cross-cultural validation of health status questionnaires. . [Electronic version]. *Evaluation & the health professions*, 28 (2), 212-232.
- Hill, A. & Hill, M. (2002). *A investigação por questionário*. Lisboa: McGraw Hill.
- Kobasa, S. (1979). Stressful Life Events, Personality and Health: an Inquiry into Hardiness. [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37 (1), 1-11.
- Messick, S. (1981). Constructs and their vicissitudes in educational and psychological measurement. [Electronic version]. *Psychological Bulletin*, 89 (3), 575-588.
- Messick, S. (1995). Validity of psychological assessment. Validation of inferences from person's responses and performances as scientific inquiry into score meaning. [Electronic version]. *American Psychologist*, 50 (9), 741-749.
- Nastasi, B. N.; Hitchcock, J., Sarkar, S.; Burkholder, G; Varjas, K & Jayasena, A. (2007). Mixed methods in intervention research: theory to adaptation. [Electronic version]. *Journal of Mixed Methods Research*, April 2007, Vol 1, (2), 164-182.
- Pereira, F. C. (2006). O que é o empoderamento (*Empowerment*). *Sapiência - Informativo Científico da FAPEPI*. Vol 8. 3. Rev. On-line. Retrieved on December, 12, 2009, <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia8/artigos1.php>
- Weeks, A., Swerissen, H. & Belfrage, J. (2007). Issues, challenges and solutions in translating study instruments. [Electronic version]. *Evaluation Review*, Vol 31 (2), 153-165.
- Riger, S. (1993). What's wrong with empowerment. [Electronic version]. *Community Psychol*, 21, 279-92.
- Rogers, C. (1986). *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes. (obra original publicada em 1977).
- Tap, P. (2008). Echelle Toulousaine de Hardiesse d'Endurance et Robustesse – E.T.H.E.R.. Retrieved on October 2nd, 2008 from <http://www.pierretap.com/ppt/social/pt15b.pdf>
- Tap, P., & Vasconcelos, M., L. (2004). *Précarité et vulnérabilité psychologique*. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto.
- Tap P. & Oubrayrie-Roussel N. (2004). Dynamique transactionnelle et relations de pouvoir entre adolescents et parents (analyse critique de l'empowerment). In. E.

Palacio-Quentin, J. M. Bouchard & B. Terrisse (2004). *Questions d'éducation familiale*. Montréal: Les Éditions Logiques, pp. 27 – 52.